

POLISCÓPIO

O optimismo

Quem passou por uma faculdade de economia aprendeu que uma das explicações para os ciclos económicos tem raiz psicológica. Numa explicação muito simplificada, funciona assim:

- Quando as expectativas são optimistas, as pessoas consomem mais e os investidores investem mais.

- Aumenta a actividade económica, por isso.

- Aumenta o emprego. Há mais pessoas optimistas.

- O crescimento alimenta-se a si mesmo.

- E assim continua, até que algo - por exemplo, uma crise petrolífera, o agravamento da situação no Médio Oriente ou uma crise política - inverte as expectativas.

- Os agentes económicos tornam-se pessimistas.

- As pessoas consomem menos.

- Os investidores investem menos.

- O crescimento da actividade económica desacelera.

- Cresce o desemprego.

- Há mais pessoas pessimistas.

- A recessão alimenta-se a si mesmo.

- E assim continuará, até que se regresse ao primeiro ponto.

Pois bem. Nós vimos, em Portugal, desde há uns bons cinco anos, a viver na segunda fase do ciclo completo acima descrito. Claro que a explicação psicológica não explica tudo. Como nenhuma outra teoria dos ciclos o faz. Mas as expectativas das pessoas têm, seguramente, importância. Por isso é que há por aí inúmeros indicadores a procurar medir as expectativas dos agentes económicos. E, se assim é, então tudo quanto possa conduzir a que as expectativas das pessoas sejam melhores ajuda à recuperação do estado em que temos vivido.

Ora, parece que há boas razões para melhorarmos as nossas expectativas. Atrevo-me a elencar uma pequena série de boas razões para que se espere que o futuro seja melhor do que o passado. Vejamos.

- Foi decidida a realização dos projectos do aeroporto da Ota e do TGV. São projectos gigantes, susceptíveis de criar milhares de postos de trabalho e de incrementar o produto nacional.

Claro que se colocam os problemas de financiamento das obras. Um problema para as finanças do Estado. Mas que as pessoas estarão mais satisfeitas enquanto durar a realização daqueles empreendimentos, isso estarão. É como aconteceu com a construção dos estádios para o Euro/2004. Os problemas só vieram depois. Enquanto durou a construção, tudo foi bem. Houve trabalho. Houve actividade. Houve emprego.

- Foi anunciada a construção e instalação de uma grande refinaria de petróleo em Sines. É outro grande projecto, a criar inúmeros postos de trabalho.

- Foi conseguido um acordo laboral na Autoeuropa e, logo a seguir, anunciada a fabricação, ali, de um novo modelo da Volkswagen, que assegura o funcionamento daquela empresa por mais quatro ou cinco anos. Facto de relevo pelo que a Autoeuropa representa em termos de produto nacional e de contribuição para as exportações.

- Foi anunciada mais uma boa meia dúzia de investimentos verdadeiramente relevantes.

- O plano das contribuições europeias para o nosso desenvolvimento nos próximos seis anos saldou-se por uma evolução muito mais favorável do que aquela que esperávamos.

- O crescimento do desemprego tem vindo a atenuar-se. E, embora ainda não estejamos na situação em que ele começa a diminuir, a verdade é que a sua desaceleração costuma ser um indício, um pré-anúncio, deste fenómeno.

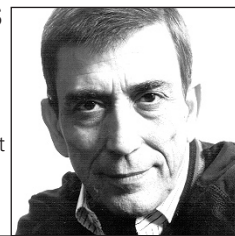
- O Estado tem anunciado que vem a, paulatinamente, combater com sucesso a evasão fiscal.

- O Governo anunciou algumas reformas na Segurança Social e na Saúde, de longe

“Tudo o que está a suceder, se bem sucedido, exigirá uma muito maior qualificação e uma extrema flexibilidade das competências dos trabalhadores portugueses”

A. MAGALHÃES
PINTO
Economista

magpinto@netcabo.pt



os departamentos onde mais são absorvidos os nossos impostos e onde as despesas públicas mais têm crescido.

- O Governo anunciou guerra à burocracia. E o anúncio de que o Estado elaborará, dentro em breve, as declarações do IRS, evitando aos contribuintes as longas horas perdidas na satisfação dessa sua obrigação, caiu como sopa no mel.

- Apesar das reformas iniciadas, o Governo continua a ter imagem muito aceitável junto dos cidadãos.

- Para a Presidência da República, foi eleito um homem de quem os Portugueses - mesmo os que nele não votaram (se excluirmos os mais extremadamente esquerdistas) - têm uma imagem de rigor e de competência.

Uma mão-cheia de factos, a fazer com que as expectativas possam legitimamente crescer.

Esta situação, nova nos últimos quatro anos pelo menos, é, ao mesmo tempo, uma oportunidade e

uma responsabilidade. A oportunidade consiste na geração de um clima favorável a que não só os grandes investimentos surjam, mas também os pequenos, aqueles que, somados, efectivamente criam muito trabalho e muitos postos de trabalho. As oportunidades de emprego surgirão. E, ao surgirem, não só isso fará surgir novos consumidores, como será aliviada a pressão sobre a Segurança Social, contribuindo-se, assim, para a redução do famigerado défice. Mas é, também, uma responsabilidade. Porque ela exige duas coisas nem sempre fáceis de obter. Uma governação rigorosa e um empenhamento de todos. As expectativas, nesta fase inicial do que pode ser uma período ascensional do ciclo económico, são uma planta muito frágil, a necessitar de rega todos os dias e incapaz de aguentar qualquer insignificante tempestade de

estio. Quem, por interesses partidários ou de classe, contribua para a morte de tão inestimável planta tornar-se-á responsável pela hipoteca de muitos anos do futuro de Portugal.

Neste quadro, olho com particular interesse para o comportamento dos sindicatos. Naturalmente, cumpre-lhes defender as condições de vida dos trabalhadores que representam. Mas também a eles se exige uma grande responsabilidade. Também a eles se exige que tenham a grandeza de vistas que os faça ter em conta sobretudo a situação a longo prazo. E, sobretudo, devem estar atentos a um fenómeno que aí vem e que vai impor-se com a força que as coisas económicas geralmente têm. Tudo o que está a suceder, se bem sucedido, exigirá uma muito maior qualificação e uma extrema flexibilidade das competências dos trabalhadores portugueses. Afinal, o que está a suceder, se bem sucedido, corresponde à almejada modernização de Portugal. Ora, sabido como são baixas quer a qualificação média quer a flexibilidade das competências dos trabalhadores portugueses, um grande esforço terá que ser feito no sentido de os modernizar, de os formar para a nova realidade. É que quem o não fizer ficará inexoravelmente para trás. A isso devem os sindicatos estar muito atentos, se bem quiserem defender os seus representados.

Neste esforço de modernização e desenvolvimento — que o mesmo é dizer, de sobrevivência —, uma outra classe existe à qual vão ser pedidos grandes sacrifícios. Refiro-me aos funcionários públicos. Saber encontrar as compensações para esses sacrifícios, seja quantitativas seja qualitativas, eis o desafio que se impõe com vigor à inteligência de todos - Governo, sindicatos e funcionários - para que o Sector Público não seja o cancro que mata Portugal.

Como quer que seja, o momento parece ser o do renascimento do optimismo. Um optimismo que, nos finais da década de oitenta e inícios da de noventa, nos fez progredir imenso. Costuma dizer-se que a História se não repete. Bom. Tal como naquela altura, temos estabilidade, temos competência e temos boas notícias. Chegará? Vai depender muito de todos nós.

mapinto@netcabo.pt

As expectativas, nesta fase inicial do que pode ser um período ascensional do ciclo económico, são uma planta muito frágil, a necessitar de rega todos os dias e incapaz de aguentar qualquer insignificante tempestade de estio.



AZUIL BARROS

Especialista
no crescimento de
negócios
Director Regional
Quantum organization
Portugal

Cinco maneiras para controlar os nervos quando fala em público

A comunicação é um processo indispensável para o florescimento dos negócios no mundo de hoje.

Para vendermos, temos de comunicar a nossa mensagem de vendas com eficácia, caso contrário os nossos potenciais Clientes não se apercebem dos benefícios que o nosso serviço ou produto lhes poderá trazer para as suas vidas ou para os seus negócios.

O mesmo sucede relativamente à nossa equipa de trabalho. Para motivarmos o nosso “staff” temos que ser capazes de comunicar com eficácia.

Uma das maneiras mais eficientes para o fazer é quando falamos para mais do que uma pessoa de cada vez, no limite para uma plateia de colaboradores ou de potenciais clientes, em simultâneo. Quando estamos a falar para uma audiência, maximizamos o nosso esforço porque com o

mesmo tempo despendido transmitimos uma mensagem a várias pessoas.

Saliento-lhe que o tempo é o único recurso que não é acumulável, independentemente da riqueza que possua, por conseguinte, é o nosso recurso mais precioso...

A maioria dos profissionais concorda que estar de pé em frente a uma audiência é uma fobia social muito comum. Contudo, a habilidade para falar com eficácia é um recurso que, em muitos casos, poderá projectar o seu desenvolvimento profissional. Aqui estão algumas orientações sobre como enfrentar e como ultrapassar os nervos provocados por falar em público:

• Lembre-se que os nervos são energia. Pode canalizá-los para uma força positiva mostrando entusiasmo, intensificando o seu contacto visual e usando linguagem corporal expressiva.

• Experimente fazer exercício físico. Mesmo antes de falar, concentre-se nas partes do corpo que sente que estejam mais tensas. Comprima-as deliberadamente o máximo que conseguir e, depois, relaxe-as completamente.

• Faça caretas engraçadas. Encha de ar as suas bochechas e, depois, deixe o ar escapar. Ou abra muito a sua boca e os seus olhos e, depois, feche-os, comprimindo-os.

• Use a sua imaginação. Imagine alguma coisa tranquilizante que lhe traga de volta recordações agradáveis. Uma vez que a água é relaxante, pode imaginar que está a andar de barco ou a passear na praia.

• Experimente um autoteste. Visualize-se, a si próprio, a dizer sem dificuldades o discurso desde o início até ao fim. Ver-se a si próprio, confiante e bem sucedido nesse autoteste, ajudá-lo-á a desempenhar um

bom papel quando for a sério.

Claro que não há nenhum substituto

“O tempo é o único recurso que não é acumulável, independentemente da riqueza que possua, por conseguinte, é o nosso recurso mais precioso...”

para uma cuidadosa preparação. Portanto, assegure-se que fez o trabalho de casa. Lembre-se também que a prática leva à perfeição. Quantas mais vezes aceitar falar em público, mais confortável se sentirá.

www.QuantumCrescimentoNegocios.com